

## Introdução

“Tenho medo de uma tragédia... não sei dizer qual... Quando me dá esse medo parece que tem algo apertando a minha garganta.”

“Sinto uma coisa aqui dentro de mim... não sei explicar. Algo me sufoca, tenho suores e dificuldade de respirar.”

“Antes de vir aqui, fui parar na Emergência do Miguel Couto... achei que estava tendo um infarto!”

“De vez em quando tenho uma apreensão no peito, uma expectativa de que pode acontecer uma catástrofe.”

“Sinto muita pressão na cabeça, fico desesperada. Em casa dizem que estou ficando maluca.”

“Psicanálise cura crise de ansiedade?”

As frases transcritas acima, ouvidas na clínica particular e em atendimentos em uma Emergência Psiquiátrica, indicam a presença inexorável de um sofrimento que invade o corpo do sujeito. A angústia é real. Ela conduz muitas pessoas em momentos de crise a procurar ajuda médica em clínicas e hospitais públicos e particulares quando nada parece poder apaziguá-las. Existe, de fato, uma urgência na angústia e por isso a interrogação da paciente – incréd-

dula – que busca uma cura imediata para algo que invade seu corpo.

A palavra “urgência”, oriunda do latim *urget*, significa urgir, estar iminente, ou, ainda, o que aperta, constrange, atormenta e exige uma ação, não permitindo demora. Nenhuma palavra, além daquelas que descrevem os sintomas corporais, parece possível: “Tenho um aperto no peito! Às vezes parece que meu peito vai se abrir.” “A cabeça dói. Sinto tonturas.” Nenhum sentido: “Isso surge de repente, não consigo entender o porquê.” Nenhuma relação entre o sofrimento e os acontecimentos imediatos da vida ou mesmo com a história do sujeito. É o corpo que, em sua materialidade, se manifesta, *grita*.

Nas situações mais extremas – as crises de angústia –, a impressão que se tem é de que somente a intervenção médica, ou seja, a prescrição de remédios, poderá oferecer um alívio para o sofrimento que urge e desespera o sujeito.

Mas, afinal, o que é a angústia? E o que a psicanálise tem a oferecer para aquele que se vê atravessado por tal experiência?

Essas são algumas questões que este trabalho se propõe a responder.

## Angústia na filosofia

Não se pode desconsiderar que, desde sempre, a angústia é uma questão que acompanha a história do homem. Presente nos ensinamentos dos grandes filósofos, na tragédia

grega e nos textos de poetas e escritores, tem sido um tema inspirador para muitos.

Uma das mais antigas indicações sobre essa vivência encontra-se na conhecida “Alegoria da caverna”, livro VII da *República*, de Platão (428/7-348/7 a.C.), quando ele sublinha a diferença entre o mundo sensível e o inteligível, indicando que o verdadeiro conhecimento se concretiza quando se tem acesso a este último. O filósofo grego destaca, nesse célebre ensaio, a necessária passagem das trevas para a luz apontando que, no caminho em direção ao conhecimento, há um trabalho a ser realizado que num primeiro momento ofusca e cega o homem. Não estaria, aqui, uma das primeiras referências indiretas à experiência da angústia como ausência de representação e sentido?

Cícero (106-43 a.C.), filósofo, orador e advogado romano, influenciado por Platão, é o primeiro a definir a angústia como o lugar estreito, a dificuldade, a miséria, a falta de tempo (*angustia temporis*) e o ânimo covarde (*angustus animus*). Em Sêneca (4 a.C.-65 d.C.) encontramos a temática especialmente no pequeno tratado de filosofia *Tranquilidade da alma*, estruturado na forma de um diálogo entre o filósofo e seu amigo Sereno. O amigo – malgrado o nome – vive momentos de muita aflição em relação à vida e às escolhas que se lhe apresentam e é ele quem dá início a esse belo tratado, solicitando a Sêneca esclarecimentos que aplaquem sua angústia interior e o conduzam a um estado de tranquilidade da alma. Sêneca, então, discursa sobre o mal que inclui tanto aqueles que se atormentam por uma “inconstância de humor, seres que sempre amam

somente aquilo que abandonaram” quanto “aqueles que só sabem suspirar e bocejar ... e se viram e reviram como as pessoas que não conseguem dormir ...”. Considera que existem inúmeras variedades desse mal, porém, segundo o filósofo, todas conduzem ao mesmo resultado: o descontentamento consigo mesmo.

O interessante nesse tratado é que Sêneca não responde diretamente às perguntas e dúvidas do amigo, dissertando ao longo das páginas – que se destacam como as mais brilhantes e vivazes do pensador romano – sobre como contornar os obstáculos cotidianos que impedem a paz interior.

Para além do campo filosófico, o tema também encontrará grande expressão no Cristianismo, como forma de representação do desamparo do homem diante do que é nomeado como o silêncio e as trevas – que são, em última instância, a representação do mal. Nessa perspectiva, é pela fé cristã em Deus que o homem poderá se livrar das aflições da vida terrena, encontrando um caminho libertador. Num importante trecho da Bíblia, sobre os Jardins de Getsêmani, existe uma referência ao que teria sido o estado máximo de angústia vivido por Cristo. O que aí se expressa é um momento de extrema humanidade e solidão que se soluciona com a invocação feita a Deus no instante da máxima agonia. Nesse ponto, Jesus ora três vezes, fato que vai servir de modelo a todo cristão: é necessário orar continuamente para vencer as atribulações, porque a angústia sempre retorna. No Cristianismo, e em inúmeras outras religiões, a fé é a resposta para a angústia.

A partir da Idade Moderna, com a emergência da noção de indivíduo e de individualismo, o tema encontrará seu apogeu na corrente filosófica denominada Existencialismo. O filósofo e teólogo dinamarquês Sören Kierkegaard é considerado seu iniciador. Sustentando a perspectiva religiosa, toma como referência principal para a existência humana as noções de angústia e desespero. Coloca em relevo a ideia de que, assim como Cristo se angustiou até o instante derradeiro, a experiência da angústia é algo inevitável, sendo indicativa do encontro do homem com um momento crucial em que é colocado à prova diante de uma vasta possibilidade de escolhas.

Para o filósofo, a angústia e o desespero estão em estreita relação, pois ambos os sentimentos levam o homem à necessidade de síntese entre finito e infinito, temporal e eterno, liberdade e necessidade. Como somos únicos, filhos de nossa época, e como vivemos uma única vez, conclui que nossa importância tem que ser maior do que a do universo como um todo. Mas o que é o indivíduo?, interroga. É o espírito, ou eu, afirma.

Para Kierkegaard é o espírito que realiza a síntese da alma e do corpo. O espírito, ou eu, é, por um lado, o elemento terceiro necessário à humanização e, por outro, aquilo que capacita o homem a se aproximar de Deus. Essa aproximação só é possível através do desespero, cuja vivência foi muitas vezes exaltada pelo filósofo que fez dos impasses da vida pessoal o fundamento de sua filosofia.

E como se efetiva a relação do espírito consigo mesmo e com sua condição? O filósofo responde: através da an-

gústia. A angústia coloca para o homem a *experiência da possibilidade das possibilidades*. Mas como a possibilidade é em si mesma desconhecida ela é, também, o encontro com o nada. Dessa maneira, a angústia conduz o homem a se deparar com o abismo e com a necessidade de seguir em direção ao que Kierkegaard denomina *salto*. O salto, para o filósofo, é inexplicável e imprevisível, mas é a única maneira de o homem se encontrar com as possibilidades da existência.

O poeta francês Charles Baudelaire, ao final da poesia “A viagem”, incluída no livro *As flores do mal*, expressa bem claramente esse momento: “No abismo mergulhar, Inferno ou Céu, que importa?/ Ao fundo do desconhecido para descobrir o novo!”

É interessante perceber que a psicanálise, apesar de fundamentada em conceitos que se distanciam da filosofia, também destaca que é o encontro com a angústia que vai permitir ao homem uma travessia capaz de fazê-lo descobrir suas possibilidades. Voltaremos a esse tema mais adiante.

Kierkegaard sublinha ainda a humanidade da angústia, observando que não se encontra nenhuma angústia no ser bruto, ou seja, no homem cuja natureza não esteja lapidada como espírito. Acrescenta que quanto menos espírito, menos angústia. Prossegue, considerando que a presença do espírito traz a consciência de que não há nenhum saber absoluto acerca do bem ou do mal e, assim, todo esse impossível se projeta na angústia, como fundo imenso do nada correspondente à ignorância. É, portanto, o encon-

tro com o *nada* que engendra a angústia, fato que para o filósofo é, simultaneamente, o encontro com aquilo que é parte do divino.

Num importante trecho de seu livro *O conceito de angústia*, Kierkegaard considera que existem pessoas que se jactam de não se angustiar. Afirma que a essas pessoas responderia que realmente não devemos nos angustiar por pessoas e coisas, porém, destaca que somente aquele que tenha tido a *angústia da possibilidade* estará educado para não cair presa de angústia. Também para a psicanálise, como veremos, existe a angústia neurótica, que pode ser elaborada através de um tratamento. Por outro lado, não há como curar o homem da angústia como encontro do real, isto é, como encontro daquilo que é a falta última, o não-sentido, pano de fundo de toda existência. O filósofo defende ainda, de uma forma bastante interessante e, num certo sentido, avessa a uma dada perspectiva contemporânea, que a angústia é uma experiência que deve ser buscada ativamente pelo homem sensível.

Martin Heidegger, filósofo existencialista alemão, retoma a temática da existência humana na acepção existencialista kierkegaardiana e a descreve fenomenologicamente, isto é, descreve suas estruturas significativas essenciais. Seguramente foi um dos grandes pensadores do século XX, quer pela re colocação do problema do ser e pela refundação da ontologia, quer pela importância que atribuiu ao conhecimento da tradição filosófica e cultural. Com sua inovadora leitura contribuirá, decisivamente, para elucidar questões filosóficas fundamentais, entre elas a da angústia.